

26 OUT 1988

A outra história da crise ~~brasileira~~

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Um grupo de 73 pessoas, representando 47 bancos internacionais e brasileiros, além de algumas instituições, foi reunido pela Câmara de Comércio Brasileiro-Americanana, ontem, para um minis-seminário sobre fusão e aquisição de empresas no Brasil e sobre o recente acordo do País com os bancos credores. Mas eles ouviram mais do que o prometido.

Os conferencistas eram três vice-presidentes do Citibank, coordenados por Thomas P. Noonan. Ele fez uma breve introdução sobre fusão e aquisição de empresas brasileiras e passou a palavra para seu colega Pedro Miguel de Souza, que descreveu o acordo do Brasil com os bancos.

A exposição de Pedro de Souza, porém, revelou pela primeira vez a estratégia dos credores na negociação com o Brasil. Numa série de "slides", ele apresentou resumidamente a posição dos bancos, a posição do Brasil e o acordo enfim definido. "É a primeira vez que revelamos isso", admitiria ele depois do seminário a este jornal.

O primeiro "slide" tem como título "Os efeitos da moratória foram negativos..." e apresenta seis argumentos: a perda de ganhos sobre suas reservas e o recurso ao BIS, o banco central dos países industrializados; a iliquidez dos bancos brasileiros no exterior; o fim das linhas de financiamento de comércio e o encurtamento dos prazos de pagamento; o corte dos créditos oficiais; a perda de confiança e seu reflexo, a fuga de capital; e, enfim, as reservas não cresceram.

O "slide" seguinte é intitulado "Negociações formais começam no final de setembro de 1987 — a posição brasileira".

(Continua na página 23)

A outra história da dívida brasileira

26 OUT 1988

Estima

por Getúlio Bittencourt

de Nova York

(Continuação da 1ª página)

Os brasileiros, segundo o banco que chefia — via William Rhodes —, o comitê de bancos credores do País, defendiam cinco posições básicas:

- não partilhar as perdas ("burden sharing");
- bônus pela dívida externa vinculados à definição brasileira de sua própria "capacidade de pagar" os débitos;
- taxas abaixo do mercado;
- capitalização de US\$ 10,4 bilhões de juros;
- limitada conversão de dívida em investimentos.

"Muito limitada", acen-tuou Pedro Miguel de Souza, "muito inferior à que se obteve."

O "slide" que conta o outro lado da história tem o mesmo título do anterior, mas outro subtítulo: "A Posição dos Bancos: Quatro Princípios". Em primeiro lugar os bancos queriam do Brasil um programa econômico. Em segundo, um plano financeiro concertado, que descreve planos opostos à renegociação voluntária.

Os outros dois itens eram a normalização dos pagamentos aos bancos e a definição de "um menu de opções". E interessante notar aqui que todos os quatro itens foram alcançados pelos credores.

Souza apresenta então o "slide" intitulado "O Acordo Financeiro Interino realizado bastante...". Ele cobre quatro novos tópicos: os 115 maiores bancos comprometeram-se com US\$ 3 bilhões; a cobertura para os atrasos de 1987; o começo do fluxo dos juros; e quarto, o mais interessante, "ganho de tempo". Estavamos no final de 1987, e, portanto, no final da carreira de Luís Carlos Bresser Pereira como ministro da Fazenda. Os credores efetivamente conseguiram ganhar tempo até a escolha do sucessor, Mailson Ferreira da Nóbrega.

No "slide" sucedente, Souza resume em quatro itens a promessa do título "Negociações sobre o débito de prazo médio começam no final de janeiro de 1988 ..." Três deles informam que os pagamentos de juros foram esporadicamente retomados; que as negociações de fundo tiveram como premissa "primeiro, os números" (numbers first), e que deveriam concluir-se a 22 de junho último.

Mais detalhes são dados

a outro item, "Novo ministro da Fazenda — Sarney reverte a política". Segue-se uma frase atribuída ao presidente, "a moratória foi um erro", e duas fra-

ses: "Uma abordagem mais ortodoxa — o Fundo Monetário Internacional"; e "Programa econômico com o objetivo de reduzir o déficit".

Em seus comentários, Souza acrescentou pouco à leitura do texto dos "slides". Talvez porque, como comentaria um dos vice-presidentes do Citibank du-

rante o almoço, "eu não vou entrar em maiores detalhes, porque todos os meus concorrentes estão aqui".

No restante, o texto apre-

sentado pelo Citibank é o mesmo já divulgado em sua versão do "Plano Financeiro do Brasil, 1988-89", para os demais bancos credores há três meses.